

As cartas do desterro: conversas entre Darcy Ribeiro e Celso Furtado sobre a América Latina, Universidade e o projeto brasileiro interrompido (1969-1970)

The letters from the exile: conversations between Darcy Ribeiro and Celso Furtado about Latin America, University and the Brazilian interrupted project (1969-1970)

LINCOLN DE ARAÚJO SANTOS

*Mande notícias do mundo de lá... Diz quem fica...
... E assim chegar e partir são só dois lados da mesma viagem...
O trem que chega é o mesmo trem da partida.
(Milton Nascimento, Fernando Brant)*

RESUMO

A partir das correspondências trocadas entre Celso Furtado e Darcy Ribeiro nos anos de 1969-1970, este artigo contextualiza as conjunturas políticas de autoritarismo no Cone Sul da América Latina e analisa as percepções de ambos sobre a situação brasileira no regime civil-militar estabelecido em 1964. Os pensamentos desses dois intelectuais encontrados nesses fragmentos, as suas experiências no governo João Goulart e a reflexão sobre o Brasil e a América Latina

são fundamentais para a compreensão do pensamento social brasileiro no período. As cartas identificam os olhares bem próprios de um tempo determinado, bem como o debate sobre os rumos do poder no país, as resistências e as possibilidades de retorno. Com o desterro, vê-se o percurso de Celso Furtado e de Darcy Ribeiro nas idas e vindas pelo mundo, atuando nos governos e nas universidades, ministrando cursos e aulas em lugares onde suas produções acadêmicas e literárias frutificaram. O exílio aproximou pessoas, companheiros na solidão e na distância do país de origem, tendo resultado numa rede de intelectuais brasileiros e latino-americanos, concebendo reciprocidades, perspectivas e sentimentos diante das condições e das inseguranças impostas pelas ditaduras.

Palavras-Chave: Estado e Autoritarismo, América Latina, Intelectuais, Universidade, Pensamento Social Brasileiro.

ABSTRACT

Based on the mail exchanged by Celso Furtado and Darcy Ribeiro in 1969 and 1970, this article contextualizes the political situation of authoritarianism in the Southern Cone of Latin America and analyzes both men's perceptions about the Brazilian situation during the civil-military regime that was established in 1969. The thoughts of the two scholars found in these fragments, their experiences in the government of João Goulart, and the reflection about Brazil and Latin America are essential to understand the Brazilian social thought in this period. The letters identify views from a certain time as well as the debate about the routes of the power in the country, the resistance, and the possibilities of both men's return to Brazil. As they were in exile, it is possible to identify the ways Celso Furtado and Darcy Ribeiro followed, coming and going around the world, acting in some governments and in some universities, giving courses and classes in places where their academic and literary productions became fruitful. The exile brought people together, made friends in solitude and in the distance of their country. As a result, there was a net of Brazilian and Latin-American scholars who conceived reciprocities, perspectives and feelings in face of the conditions and the insecurities imposed by the dictatorships.

Key words: State and Authoritarianism, Latin America, Scholars, University, Brazilian Social Thought

APRESENTAÇÃO

O exílio é o lugar dos dilemas, dos sentimentos paradoxais. O exílio é a chegada e a despedida. São as incertezas e as esperanças que caminham dialeticamente juntas, é também o lugar de encontros, desencontros e reencontros. Este lugar chamado exílio fez com que brasileiros – intelectuais, políticos, cientistas, atores, professores, jornalistas – vivenciassem o desterro, esta mistura de sentimentos experimentados longe de sua cultura, de seus ofícios, sua língua e familiares.

Foi assim com Darcy Ribeiro e Celso Furtado, personagens da vida republicana que ao mesmo tempo pensaram o Brasil e suas alternativas de desenvolvimento, atuando juntos no governo João Goulart como operadores do Estado. En-

frentaram a fuga do regime civil-militar¹ e viram o projeto que foi interrompido, não só o das reformas de base, mas também o da democracia brasileira.

Um dos propósitos deste artigo é o de analisar os discursos de Darcy Ribeiro e Celso Furtado, suas impressões sobre a América Latina e a conjuntura dos regimes autoritários neste continente, observando ainda o olhar a distância destes dois personagens sobre o Brasil. Como intelectuais, saíram do país e ingressaram no mundo exercendo os seus ofícios, escrevendo, ministrando aulas, pensando o papel da Universidade.

A referência desta análise tem como fonte as correspondências trocadas por ambos: de Celso para Darcy – Paris/França, 17/12/1969; De Darcy para Celso – Caracas/Venezuela, 28/02/1970 e de Celso para Darcy – Paris/França, 03/04/1970 e as biografias de ambos². A interpretação destas fontes exigiu o exercício de se desenvolverem os contextos nos quais as cartas foram redigidas, as circunstâncias políticas e o tempo, as idas e vindas do exílio.

O confronto da leitura nas correspondências trocadas possibilitou o tratamento teórico-metodológico baseado em Michel De Certeau (1982, p. 37, 45-47) ao denominar as duas posições do *real*. Em primeiro lugar, o *real* como recuperação daquilo a ser estudado, o que foi *ressuscitado* em uma sociedade passada. E o *real* ao que é problematizado a partir destas fontes. Em segundo, a tensão de *exumar* documentos, na expressão de Certeau, questionando o que está dito, ou o que está no *subsolo*, nas entrelinhas destas cartas, buscando entender como, nas circunstâncias políticas e sociais do Brasil em sua primeira década do século XXI, o passado frequenta o presente.

O processo de composição escrita, na literatura, num trabalho acadêmico ou em uma simples carta, além do registro que comporta um tempo, lugares e ideias, é também o confronto da organização do pensamento, de reflexão disciplinada, um encontro com a razão e de esclarecimentos das coisas, dando-lhes um sentido. Quando se escreve para o outro, não deixa de ser também um processo terapêutico com a tensão entre as suas verdades, refazendo-as permanentemente.

Darcy Ribeiro e Celso Furtado foram obrigados a sair do Brasil em 1964. Darcy iniciou sua jornada pela América do Sul rumando primeiramente para o Chile e fixou moradia no Uruguai, onde permaneceu por quatro anos, indo depois para a Venezuela, em 1969. Antes de ir para os EUA/Europa, Furtado chegou ao Chile em maio de 1964, um mês após golpe de Estado no Brasil.

Ambos fazem parte de uma intelectualidade própria dos anos de 1960, *produtores diretos da esfera ideológica*, na concepção de Ridenti (2003, p. 198). Essa geração surgiu emergente no quadro histórico da época das suas conjunturas – o período da guerra fria – e na elaboração de um pensamento de terceiro mundo, nas perspectivas de libertação política e econômica do centro do capitalismo –

1 Termo desenvolvido por Daniel Aarão Reis (2014) e que ampliou a interpretação sobre o Golpe de Estado no Brasil e o protagonismo dos setores civis no processo articulados com os militares. In. Ditadura e Democracia no Brasil. Zahar Editora;

2 Agradeço à Fundação Darcy Ribeiro, seção Rio de Janeiro, na pessoa de Ellen Cristine Monteiro Vogas, que abriu oportunidade de acesso às fontes documentais analisadas aqui. Dedico este artigo ao professor Dante Santos, que lamenta até hoje, como aluno do curso de História da “Nacional” (UFRJ), 1972-1976, não ter tido a oportunidade de ter como seus professores Darcy Ribeiro e Celso Furtado, pois estavam no exílio.

Europa e Estados Unidos. Este agrupamento de sociólogos, artistas, economistas, escritores, filósofos e professores compõe um campo cultural e político podendo ser denominado como um *romantismo revolucionário*³.

PERSONAGENS, CENÁRIOS E CONFLITOS

As obras de Celso Furtado e de Darcy Ribeiro expressavam a tradição de se pensar um projeto para o país distanciando-se da literatura que justificava a manutenção do *status quo* e sua ordem social. Seja nos estudos da antropologia brasileira ou propriamente em seus romances, Darcy percorreu o ideário nacionalista, crítico aos setores voltados à exploração e à dominação civilizatória.

Furtado discutiu as lógicas do desenvolvimento e do subdesenvolvimento articulando uma reflexão sobre o Brasil que identificava as estruturas econômicas e sociais de dependência e de subordinação à economia internacional. A partir de obras singulares na experiência intelectual de cada um, os pontos de convergência estão justamente em perceberem as especificidades culturais, políticas e econômicas, sem deixá-las isoladas da América Latina.

Entre os anos de 1962 e 1963, Furtado exerceu o cargo de Ministro Extraordinário de Planejamento, sendo o responsável por elaborar e conduzir o Plano Trienal, documento que tinha como objetivo oferecer ao país o caminho para o desenvolvimento econômico e social e ao mesmo tempo controlar os indicadores inflacionários daquele período. Sua experiência na Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) lhe credenciou para ser alçado ao posto de ministro, pois desde os governos de Juscelino Kubstchek e Jânio Quadros atuara como o condutor dos planos e das obras estratégicas deste órgão no nordeste brasileiro.

Já Darcy Ribeiro esteve no Ministério da Educação de setembro de 1962 até janeiro de 1963, no Gabinete do então primeiro-ministro Hermes Lima. Neste curto período na educação, apresentou ao Conselho de Ministros o Programa de Emergência do Ministério da Educação e Cultura, articulou junto ao Conselho Federal de Educação o Plano Nacional de Educação, do qual Anísio Teixeira foi o relator. Em 1963, assumiu a Casa Civil da Presidência da República, função estratégica na administração de João Goulart, que recuperara, através de plebiscito, as chefias de Estado e de Governo. Estes dois documentos, fundamentais como um caminho para as reformas educacionais e no desenvolvimento das políticas públicas da área foram inseridos como conteúdo importante ao Plano Trienal.

Cabe aqui a ressalva de que estes dois personagens tiveram experiências singulares em suas trajetórias, no ambiente político em que transitavam, articulando-se em grupos diferentes. Darcy, como ministro-chefe da Casa Civil, vivenciou a proximidade/intimidade da Presidência da República, administrando o cotidiano dos embates e acordos da elite dirigente do país, um intelectual comprometido em *tocar* o governo. Já o ministro do planejamento considerou-se um *técnico* na condução das proposições definidas nos documentos que sintetizavam o Plano

3 RIDENTI (2003) propõe, na análise sobre a intelectualidade dos anos 1960, o conceito abordado por Michel Lowy e Robert Sayre (1995), o “romantismo revolucionário”: “... sem nenhuma conotação pejorativa. Recolocava-se o problema da identidade nacional e política do povo brasileiro, buscava-se a um tempo suas raízes e a ruptura com o subdesenvolvimento...” (p. 198).

Trienal. Obviamente, Furtado tinha a clareza de que o exercício da pasta lhe exigia habilidade política para legitimar suas propostas e intenções e defender-se energicamente de um movimento de resistência ao Plano Trienal, tanto de setores conservadores da sociedade, comprometidos na desestabilização do governo Jango, quanto das bases sindicais ligadas ao PCB e os trabalhistas, apresentando críticas ao Plano por um viés mais à esquerda, além da mídia bombardeando diariamente os *fundamentos comunistas* do Plano.⁴

Em depoimento dado no ano de 1984, Furtado afirmou que um dos motivos para a descontinuidade do Plano Trienal foi a divisão interna do governo. Um grupo defendia a manutenção do Plano, o controle gradual dos indicadores inflacionários e o preparo para que o país ingressasse efetivamente no contexto das reformas de base⁵. O outro grupo defendia a implantação imediata das reformas, considerando a urgência do governo em legitimar-se, evitando o agravamento da crise política que já estava em curso. O próprio Darcy expôs estas divergências quanto ao Plano Trienal, quando afirmou que Jango não admitia o controle ou congelamento dos salários dos trabalhadores, pois eram esses da sua base social que lhe vinha garantindo a governabilidade:

A conjuntura complicou-se e se agravou na forma de ataques a San Tiago Dantas, pelas negociações que iniciou em Washington, e ao Plano Trienal de Celso Furtado que, para a contenção da espiral inflacionária, pedia o controle dos aumentos salariais. Jango dizia: *Apoio tudo o que propõem. Mas, se os preços subirem, aumento o salário [...]* O Plano Trienal de Celso Furtado, que um ano antes parecia viável, tornara-se impraticável. O presidente negava-se a conter os aumentos salariais, não só por sua ideologia trabalhista, mas porque os trabalhadores eram a sua base de apoio político. (DARCY RIBEIRO, 1997, p. 336/348)

Somara-se a essas divergências um sólido grupo político, núcleo ideológico do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, e que liderava o movimento pelas reformas, chamado por Darcy de *um grupo compacto*, composto por Almino Affonso, Sergio Magalhães, Temperam Pereira, Bocaiuva Cunha, Rubens Paiva, Douzel de Andrade, José Gomes Talarico, dentre outros. Leonel Brizola era um tipo de consciência crítica mais à esquerda do governo Jango que também defendia a urgência das reformas. Em 1963, San Tiago Dantas e Celso Furtado saíram do governo, numa tentativa de Jango de arrefecer a crise política e controlar a inflação. Internamente, o grupo político que defendia as reformas imediatas venceu circunstancialmente as disputas internas⁶.

4 O artigo de Rosa Freire D'Aguiar Furtado (2011, p.20) sobre o confronto ideológico na avaliação do Plano Trienal identificou os “sinais contraditórios” das forças políticas no enfrentamento a Celso Furtado e Jango. A História de Um Plano. In. O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento. RJ, Contraponto Editora/Centro Internacional Celso Furtado.

5 Documentário: JANGO. Direção de Silvio Tendler. Produção Caliban;

6 O artigo de DALAND (2011) *A atitude de Goulart com o Planejamento* não só apresenta de forma detalhada as motivações que levaram à dispensa de Furtado do governo João Goulart, mas discute com detalhes o processo de desgaste enfrentado pelo então ministro do planejamento na gestão do Plano Trienal. In. ARQUIVOS CELSO FURTADO. *O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento*. RJ. Editora Contraponto, No. 04, página 451.

Pela leitura das cartas, observa-se que, mesmo hipoteticamente considerando as possíveis divergências políticas entre Darcy e Celso, ambos nutriam entre si um respeito pelo trabalho e coerência, seja na capacidade intelectual, na reflexão sobre o Brasil, seja nos embates do *jogo* pelo poder num tabuleiro chamado Brasília.

A saída pelo mundo destes dois brasileiros traduziu uma das faces mais perversas do regime que se inaugurou em abril de 1964. Saíram porque se ficassem no Brasil seriam presos como subversivos e perigosos à *segurança nacional*. Encontraram-se algumas vezes, quando avaliaram as conjunturas e circunstâncias do autoritarismo brasileiro e a implantação do estado coercitivo e limitador dos direitos civis e constitucionais.

A *diáspora brasileira*, termo utilizado por Furtado (2014, p. 402), espalhou homens e mulheres pelo mundo, mas os reuniu em novos territórios, constituindo uma rede de reciprocidades entre intelectuais e políticos, nos encontros e debates sobre os motivos do golpe e do projeto interrompido, ou na prospecção das utopias e do desejo de se retomar a vida civil no país de origem. No Chile, o primeiro ponto de chegada pós-golpe, um grupo restrito de intelectuais se encontrava à noite para debater ideias sobre o Brasil. Entre eles estavam Paulo Freire, Francisco Oliveira, Estevam Strauss, Fernando Henrique Cardoso, Jader de Andrade, Cid Carvalho, Darcy Ribeiro, Celso Furtado, Thiago de Melo, Samuel Wainer.

No ambiente desta primeira *diáspora brasileira*, Furtado citou a sua aproximação com Darcy e os seus movimentos e de outros exilados que buscavam definir as suas vidas no exterior, apesar das dúvidas quanto à duração do regime estabelecido no Brasil:

Darcy Ribeiro, que se fixara em Montevideú, passou por Santiago em direção à Europa. Era dos que consideravam que os militares no Brasil não tinham base de sustentação na sociedade e, por isso, não se manteriam no poder por mais de seis meses. Em reunião na casa de Thiago, trocamos impressões sobre o assunto, alguns aproveitando a deixa para dizer o que esperavam do futuro [...] (FURTADO, 2014, p. 403).

Diferentes em suas personalidades e em seus projetos no desterro, Celso e Darcy tomam rumos também diferentes. Darcy vagueou pelo Cone Sul da América Latina, e Celso passou pelo Chile (1964), Estados Unidos (1964-65) e, definitivamente, se estabeleceu na França, em junho de 1965. Ministros do governo deposto, não perderam o senso do diálogo, da conversa, mesmo distantes, talvez nutrindo possibilidades da retomada à cultura e aos projetos pessoais e políticos, na convivência em suas terras de origem.

1ª. CARTA - DE CELSO FURTADO PARA DARCY RIBEIRO – PARIS, 17 DE DEZEMBRO DE 1969

Furtado introduz a sua carta informando a Darcy a comunicação que fizera a Cláudio Veliz da possibilidade de garantir a presença do ex-ministro da Casa Civil de Jango no Chile. Claudio Veliz, economista chileno, havia fundado em 1967 o Instituto de Estudos Internacionais, na Universidade do Chile, fruto de sua primeira experiência com a mesma instituição na França. Furtado já estava sediado na Universidade de Paris, pois entendia que os militares queriam que

ele estivesse distante da América Latina, onde seus livros circulavam livremente (FURTADO, 2014, p. 406).

Em 1969 Darcy estava na Venezuela, e Celso, nessa intermediação, recomendou ao companheiro de exílio:

Claudio Veliz é pessoa decidida e eficaz, creio que podemos dar por certo que a brecha está aberta desse lado. Se o seu propósito é ficar na América Latina, meu conselho é que procure instalar-se no Chile. É um país onde se reúnem condições excepcionais para a vida intelectual. Evidentemente a situação política dá sintomas de instabilidade. Mas tenho esperança (e essa é a opinião do Veliz) de que poderão livrar-se do pior. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1969, folha 01 – 1º. e 2º. parágrafos).

Furtado registrou ainda que recebera notícias frequentes de Darcy por *intermédio do Waldir*. Este seria Waldir Pires, companheiro dos dois no governo João Goulart, onde foi o Consultor Geral da República⁷. Em 1966, Pires exilou-se na França e, por mediação de Celso Furtado, lecionou Direito Constitucional Comparado e Ciência Política em Dijon e Paris. Diz Celso sobre Waldir Pires:

Ele prepara-se para regressar, o que considero perfeitamente sensato mas me dá muita pena pois a companhia dele é insubstituível. Aqui nossa atividade tem sido intensa pois a Universidade exige esforço considerável... (FURTADO, folha 01 – 3º. parágrafo).

Diferentemente de Darcy, que fez a opção por percorrer os países do continente sul-americano – Uruguai, 1964-1968; Venezuela, 1969; Chile, 1971; Peru, 1972; Venezuela, 1975 –, Furtado planejou seu exílio percebendo, em uma leitura bem particular, que o regime estabelecido no Brasil teria fôlego para muitos anos. O incômodo do desterro é representado em sua trajetória: Chile e EUA, 1964; 1965, França, onde se estabeleceu definitivamente, até o final do exílio. No período em que fixou residência nos Estados Unidos, a partir de setembro de 1964, ministrou aulas na Universidade de Yale, sendo que esta instituição serviu-lhe de apoio para que saísse permanentemente, em território norte-americano, para visitar outras universidades e estabelecer vínculos acadêmicos, promovendo seminários e conferências onde a temática seria sobre os problemas do desenvolvimento da América Latina.

⁷ Como Consultor Geral da República, Waldir Pires foi um dos responsáveis por elaborar a Lei de Remessas de Lucros das Multinacionais estabelecidas no Brasil. Nos momentos cruciais que definiram a deposição de João Goulart, o presidente determinou a Darcy Ribeiro e a Waldir Pires que fossem os últimos a saírem da sede do governo, no Palácio do Planalto, entre os dias 31 de março e 02 de abril de 1964. Darcy (1997) relatou os detalhes de sua fuga do Brasil, junto com Waldir Pires, quando foram para o Uruguai, onde Goulart já estava. No documentário produzido pela Câmara Federal (2014), Pires também discorre sobre os momentos dramáticos de sua saída com Darcy de Brasília. A fuga assumiu conotações de aventura, tal o ambiente de perseguição àqueles comprometidos com o governo deposto.

A distância de seu país e a adaptação ao cotidiano em uma nova cultura, confrontando-se com uma mentalidade que lhe trazia certo aborrecimento quanto aos interesses da comunidade liberal-americana e suas expectativas diante do Brasil e da América Latina, fizeram com que Furtado considerasse o seu tempo transitório na Universidade de Yale e em terras norte-americanas:

Cabia-me responder a perguntas ingênuas de pessoas cuja fonte de informação se limitava à imprensa local e aos programas de televisão. Todos se mostravam horrorizados com as arbitrariedades praticadas pelos militares que assaltavam o poder nesse ou naquele país latino-americano, mas se preocupavam acima de tudo com a *ameaça comunista*. “O senhor não concorda que Goulart é um comunista ou está influenciado por marxistas?” Era a pergunta chavão [...] (FURTADO, 2014, p. 470).

As preocupações de Furtado nos EUA partiam também da aproximação deste país com o regime civil-militar brasileiro, principalmente quanto aos sinais emitidos por ambos os países quanto do controle do passaporte nas viagens que fazia pelo mundo. Da parte do governo brasileiro, houve pressão junto à Universidade de Yale para que não se renovasse o seu contrato. O acirramento da *guerra fria*, a radicalização da direita na perseguição aos *liberais-comunistas* dentro dos EUA e a sua preocupação na interrupção dos projetos de pesquisa na área do desenvolvimento apressou a ida de Furtado para França, convidado a exercer a vida acadêmica na Universidade de Paris. (IDEM, p. 483).

Nesta carta, Furtado registrou a Darcy um cenário diferente do que encontrara nos EUA, sublinhando, quanto a seu ofício de estudar a América Latina, que “evidentemente trata-se de um desafio, pois se trata de fazer conhecida uma imagem verdadeira da América Latina e também difundir o pensamento da nova geração latino-americana.” Esta consideração de Furtado demonstrou de certa forma, o alívio do economista brasileiro em desenvolver suas atividades de professor e pesquisador, encontrando espaço e tempo e mais a liberdade necessária para discutir as áreas de seu interesse, bem como, mesmo distante, pensar o seu país, a natureza do subdesenvolvimento e as alternativas para o desenvolvimento, no Brasil e América Latina. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1969, folha 01 – 3º. parágrafo).

Na conversa com Darcy, vislumbrou seu otimismo de professor quando enxergou em seus alunos o ânimo para o debate, o empenho em conhecer e investigar os aspectos estruturais das economias do continente de origem e ainda confidenciou a sua opção em ficar pela França enquanto o regime civil-militar no Brasil permanecesse:

Temos aqui um grupo de estudantes latino-americanos que se renova todos os anos, o que nos permite um contato estimulante e extremamente útil... O interesse que tomei na difusão do nosso pensamento por estes lados e a certeza de que meus livros circulam mais livremente no Brasil estando eu ausente, levaram-me a pensar em permanecer no exterior enquanto exista por lá. E como o melhor é estar preparado para o pior, instalei-me por aqui com certo sentido de permanência, o que

me permite ter do presente mais que uma visão de transeunte. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1969, folha 01 – 3º. parágrafo).

Na França, organizou suas *aulas-debates* e discutiu o desenvolvimento e subdesenvolvimento da América Latina e Brasil, partindo do pressuposto de que o Terceiro Mundo deveria ser analisado como “parte de uma visão global da economia internacional, e em especial da dinâmica das economias dominantes.” Três eixos apontavam as bases das pesquisas e investigações de Furtado na Universidade de Paris: os estudos da economia internacional, os estudos teóricos sobre as estruturas do subdesenvolvimento e os estudos sobre a economia latino-americana. (FURTADO, 2014, p. 489)

No último parágrafo de sua correspondência, Furtado ressaltou a esperança de que “nos mantenhamos em contato” e informou ao companheiro de exílio que iniciara a leitura de seu livro, *O Processo Civilizatório*. Despedindo-se de Darcy, afirmou, com certa dose de ironia, que o texto:

[...] exige muita reflexão, tanto para acompanhar como para ocasionalmente defender-se dele... Escreverei oportunamente sobre o assunto a você. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1969, folha 01 – 4º. parágrafo).

Publicado em 1968 pela Universidad de La República, no Uruguai, *O Processo Civilizatório* analisou as sociedades americanas buscando construir uma teoria sobre os processos civilizatórios, identificando as razões das desigualdades do desenvolvimento. No prefácio da primeira edição, Darcy Ribeiro elaborou os problemas que viriam a fundamentar os objetivos da obra:

Como classificar, uns em relação aos outros, os povos indígenas que variavam desde altas civilizações até hordas pré-agrícolas e que reagiram à conquista segundo o grau de desenvolvimento que haviam alcançado? Como situar, em relação àqueles povos e aos europeus, os africanos desgarrados de grupos em distintos graus de desenvolvimento para serem trasladados à América como mão-de-obra escrava? Como classificar os europeus que regeram a conquista? (DARCY RIBEIRO, 1968, p. 8).

Convidado pelo reitor Mario Cassione, Darcy ingressou na Universidade da República Oriental do Uruguai sendo nomeado professor de Antropologia e também presidindo o seminário sobre a reestruturação da instituição, onde a sua experiência da UnB serviu como ponto de partida para a realização das reformas acadêmicas⁸.

As cartas aproximaram os dois que estavam distantes no desterro, despertaram esperanças entre otimismo e pessimismos. De Celso para Darcy, foi revelado primeiramente o respeito mútuo, com o registro das incertezas, o apoio de

⁸ No período em que esteve no Uruguai, Darcy escreveu, além de *O Processo Civilizatório*, a primeira versão de *O Povo Brasileiro, Os Índios e a Civilização* e ainda a primeira versão de seu romance *Maíra*. (RIBEIRO, 1997, p. 372).

companheiros tecendo uma rede de reciprocidades na tentativa de se minorar a angústia da saudade e dos projetos pessoais e políticos interrompidos. A carta foi o elo, o ponto de ligação entre os “esquecidos” do regime, sinal de resistência, vigor para não desistirem.

2ª. CARTA - DE DARCY RIBEIRO PARA CELSO FURTADO - CARACAS, 28 DE FEVEREIRO DE 1970

Essa correspondência enviada a Celso Furtado, dois meses após a primeira carta oriunda de Paris, mais do que uma resposta formal de Darcy ao companheiro de exílio, demonstrou um verdadeiro panorama sobre o ambiente político do continente e também uma avaliação, um olhar bem particular do autor sobre os movimentos das esquerdas latino-americana e brasileira diante dos governos militares que naqueles tempos se espalhavam pelo continente.

O texto endereçado a Furtado vai além das tratativas de caráter pessoal, aspecto importante considerando as incertezas do exílio e a necessidade de se planejar o futuro, mesmo que fosse o futuro imediato. Permanecendo por opção no continente, transitando e estabelecendo projetos a partir das universidades e ainda assessorando governos, nesta carta relatou a Furtado o roteiro que acabara de realizar, visitando países do Cone Sul – Argentina, Chile e Peru –, tecendo comentários sobre cada sociedade, seus comportamentos, regime político e as expectativas diante dos governos autoritários:

Em Montevideu revi os velhos companheiros do primeiro exílio, os colegas da Universidade e amigos uruguaios. Encontrei entre estes últimos um ambiente novo. Quando saí, há menos de dois anos, o sentimento generalizado era de depressão. A esquerda com complexo de castração de uma revolução vetada pelo Brasil e Argentina; todos os demais com a frustração de que o Uruguai era um país inviável. Agora tudo mudou graças às artes dos Tupas. A revolução parece factível (!) e alguns até creem que possa ser iminente (?). E a todos o Uruguai parece ter adquirido potencialidades insuspeitadas. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01 – 2º. parágrafo).

No registro de suas memórias, Darcy utilizou-se de uma explicação didática de sua experiência nos tempos fora do Brasil, definindo estes períodos a partir de três fases. O primeiro exílio ocorreu no Uruguai, no período 1964-1968. Neste último ano de passagem pelo Uruguai, retornou ao Brasil com o instrumento do *Habeas Corpus*, mas foi preso no dia seguinte à publicação do Ato Institucional Nº 05. Entre os anos de 1968-1969, alternou locais de detenção e, finalmente, ficou o maior tempo preso na fortaleza da Marinha, nas Ilhas das Cobras, no Rio de Janeiro. No segundo exílio, esteve em Caracas, Chile e Peru, ministrando aulas, participando das reformas universitárias e assessorando governos. No terceiro, após o seu tratamento de câncer no pulmão, retornou ao Peru e encontrou o país em plena crise. Esteve também, por diversas vezes, no México auxiliando no projeto de uma universidade do Terceiro Mundo, proposta por Luis Echeverria, presidente daquele país. Na Costa Rica,

naquele mesmo período, transitou pelo país debatendo o projeto da Universidade Nacional. (DARCY RIBEIRO, 1997, p. 446)

Em 1970, quando escreveu esta carta, estava na Venezuela. Era sua primeira passagem pelo país onde atuou na Universidade Central como professor contratado de Antropologia, auxiliando ainda a instituição na elaboração de um “plano de renovação estrutural”. (RIBEIRO, 1997, p. 407). Sua intenção ao escrever para Furtado não foi somente a de comentar aspectos gerais do ambiente político do continente, pois entre os anos de 1950 e o início dos anos 1970 países da América do Sul, quase em sua maioria, enfrentavam uma sucessão de golpes e contragolpes civis-militares, retrato da instabilidade dos regimes liberal-democráticos da região;⁹ além disto, apresentou uma análise detalhada dos países em que esteve viajando.

O relato de Darcy sobre a conjuntura política no Uruguai demonstrou o quadro de incertezas daquele país que, segundo Coggiola (2001, p.32) abria uma nova fase do militarismo latino-americano, na qual até mesmo países com certa tradição de democracia constitucional, como o caso do Uruguai, a veriam interrompida. O caso uruguaio em especial demonstrava o projeto intercontinental norte-americano de estabelecer na região regimes de caráter autoritário, buscando, sob a coerção destes Estados, a adesão incontestante à aliança política aos EUA.

Para Fernandes e Paddrós (2012, p. 29), houve um processo de deterioração da política uruguaia a partir de 1968, com a chegada à presidência de Jorge Pacheco Areco, iniciando no país todo um conjunto de reformas jurídicas e medidas de cerceamento aos direitos políticos individuais. A escalada autoritária se estendeu até o golpe militar de 1973, quando Juan Maria Bordaberry assumiu o poder. O discurso pelo controle da crise econômica e a atuação antiterrorista fundamentaram a justificativa na composição do governo civil-militar uruguaio. As organizações de luta armada, articuladas pelo Movimento de Libertação Nacional, começaram a ser reprimidas pelo uso da força do Estado, fato que ampliou a base de defesa do regime de exceção naquele país.

Darcy referiu-se então às expectativas de que do Uruguai viesse a verdadeira revolução, *...graças às artes dos Tupa...*. Os Tupamaros foram o grupo guerrilheiro de orientação marxista-leninista que nos anos 1960-1970 estabeleceu um confronto com o Estado uruguaio, realizando atos de julgamento dos grupos de extermínio e de servidores dos órgãos do governo envolvidos com *crimes contra o país e a sociedade*¹⁰.

Há nas argumentações de Darcy uma crítica às posturas da esquerda (brasileira e latino-americana) sobre as leituras equivocadas da política de resistência na região diante dos regimes civil-militares. Darcy utilizou-se da metáfora freudiana do “complexo de castração”, referindo-se ainda à questão uruguaia, principalmente a partir das experiências de 1964 e 1966, no Brasil e na Argentina, na interrupção dos projetos nacionais de desenvolvimento.

9 Peru (1962 e 1968), Colômbia (1953), Paraguai (1954), Venezuela (1962, 1964, 1968), Bolívia (1964, 1968, 1973), Argentina (1966, 1973), Brasil (1964), Equador, Chile e Uruguai (1973).

10 Em março de 2010, a República Oriental do Uruguai elegeu para presidente José Alberto Mujica Cordano, “Pepe Mujica”, que em sua juventude militou no Movimento de Libertação Nacional Tupamaros. A expectativa quanto aos “Tupa”, registrada na carta de Darcy, se concretizou 60 anos depois deste registro de Darcy Ribeiro sobre o Uruguai.

Reafirmou suas críticas às esquerdas e seus posicionamentos políticos, devaneios que se distanciavam da realidade. Manteve então os preceitos da psicanálise para ilustrar a Celso Furtado os impasses e as frustrações diante da efetivação dos governos militares, abordando ainda o exílio e a esperança de uma anistia no Brasil:

Nossos velhos companheiros é que continuam mergulhados no círculo vicioso da paranoia do exílio, alimentando-se, uns, com ilusões sobre uma possível anistia; e outros, sobre uma revolução, cujas únicas viabilidades se assentam em sua necessidade psicológica de vislumbrar uma saída. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01 – 3º. Parágrafo).

De certa forma, ao avaliar os posicionamentos contraditórios da esquerda latino-americana e brasileira, Darcy falou para si mesmo na inquietude de sua interpretação sobre o Brasil. A carta é portadora de uma dada historicidade no sentido de que o registro traz em si características de um determinado tempo, onde a cultura e as visões de mundo são próprias deste recorte conjuntural. As impressões do texto escrito pressupõem tanto leituras de mundo do autor e como de quem o lê. O levantamento bibliográfico e a identificação do olhar de Darcy Ribeiro frente ao regime civil-militar, os movimentos políticos da oposição e das esquerdas brasileiras mantêm uma mesma estrutura interpretativa; porém há acréscimos de detalhes históricos, revisões e aprofundamentos sobre estas questões¹¹.

Na conversa com Furtado, o autor traz notícias sobre o Brasil, criando também especulações sobre o regime e as alternativas de resistência:

[...] sobre tentativas indiretas do novo governante de uma aproximação com as chamadas lideranças populistas às quais nada promete senão sua boa vontade para os proscritos de 64. Fala-se também da inquietação que provocou nos meios governamentais a manifestação do Vaticano contra as torturas. Segundo, o retrocesso das esquerdas insurrecionais, em consequência da onda de repressão que se seguiu ao rapto do embaixador... Terceiro, a existência de uma “tendência” peruana, ainda incipiente, em certos setores da oficialidade mais jovem [...] (IDEM, folha 01 – 3º. Parágrafo).

O primeiro detalhe observado neste 3º. Parágrafo da carta está na informação de que o *novo governante* estaria disposto a uma aproximação com as lideranças populistas. Tendo tomado posse em outubro de 1969, o general Médici seria este *novo governante*, e dele seria o improvável gesto de dialogar com as oposições e lideranças *populistas*.

¹¹ Propus analisar as fontes (cartas) estabelecendo um cruzamento de informações e de detalhes oriundos de bibliografia sobre os autores, articulando as conjunturas dos anos de 1960 e 1970 na América Latina e no Mundo, período em que estão inseridos, histórica, cultura e socialmente em suas reflexões, produzindo um pensamento social. No caso de Darcy Ribeiro, os livros **Confissões** (Autobiografia, 1997); **Darcy Ribeiro** (Coleção Encontros, 2007) e Celso Furtado. **Obra Autobiográfica**. (2014).

Ao utilizar o termo *populismo*, Darcy fez, provavelmente, referências às lideranças de oposição que foram cassadas, comprometidas com as reformas de base, vinculadas aos movimentos sociais urbanos e rurais, além dos sindicatos.¹² As circunstâncias deste momento apontavam para um acirramento do regime, devido à ascensão do movimento estudantil e de ações de resistência urbana e de guerrilha. As tentativas de formação de uma Frente Ampla, composição entre Carlos Lacerda, João Goulart e JK, em 1967, numa proposta de se conciliar uma agenda que defendesse a legalidade e a democracia no Brasil, não avançou; ao contrário, em reação à iniciativa de uma possível aliança política entre as três lideranças brasileiras, o governo militar decretou, no dia 5 de abril de 1968, a ilegalidade desta Frente.

O segundo detalhe deste trecho da carta está na questão levantada pelo constrangimento dos militares com o posicionamento da Igreja e a repercussão disto no Brasil. Em 1967, Alceu Amoroso Lima foi nomeado pelo Papa Paulo VI para a Comissão Pontifícia de Justiça e Paz, o que fez com que o regime civil-militar recuasse diante da possibilidade de persegui-lo, tal foi a impossibilidade de confronto diante de uma instituição com poderes supranacionais e de lastro popular no Brasil. Esta Igreja, que em parte apoiou o golpe de 1964, protegeu o seu principal quadro impedindo que os militares o censurassem, o prendessem ou fizessem passar pelos inquéritos constrangedores que muitos opositores ao regime tiveram que enfrentar.

Em 1970, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou documento de sua 11ª Assembleia Geral onde lamentava e denunciava o ambiente de terror e omissão do Estado brasileiro diante das perseguições políticas, detenções sem mandados judiciais e tortura:

[...] Sinceramente, cremos estar sendo violentado, com frequência, por processos levados morosa e precariamente, por detenções efetuadas em base a suspeitas ou acusações precipitadas, por inquéritos instaurados e levados adiante por vários meses, em regime de incomunicabilidade das pessoas e em carência, não raro do fundamental direito de defesa [...]. (CNBB, 1970/71).

Darcy recebeu informações do Brasil sobre o recuo dos movimentos de esquerda quando do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, ocorrido em 1969. A avaliação de que o sequestro promovido pelas *esquerdas insurrecionais* desencadeara uma onda de repressão estava correta, pois os anos de 1969-1974 foram considerados os *anos de chumbo* do regime, tal foi a capacidade de se impor a força, a tortura e o cerceamento das liberdades civis no país. O terceiro aspecto abordado na carta está na resistência de uma *tendência peruana* na oficialidade mais jovem da corporação militar brasileira. Darcy referiu-se ao Movimento Revolucionário Peruano, liderado por Velasco Alvarado, que governou o país entre os anos de 1968-1975. Alvarado nacionalizou a exploração petrolífera de Talara,

12 O termo *Populismo*, quase uma unanimidade como “categoria” no campo das ciências sociais, utilizadas principalmente por Octavio Ianni e Francisco Weffort, está sendo revisto. Em FERREIRA, Jorge (2001), há um frutífero debate sobre a utilização deste conceito, termo, categoria, etc. In. O Populismo e Sua História – Debate e Crítica. Ed. Civilização Brasileira.

que anteriormente estava sob o controle do capital norte-americano, e acelerou a reforma agrária. (COGGIOLA, 2001, p. 21)

Segundo Coggiola (2001, p. 11), existiam diferenças entre os golpes militares ocorridos na década de 1960 e no início dos anos 1970 na América Latina. O primeiro modelo de ditadura, o “institucional”, fez a opção de se subordinar aos interesses do capital e no alinhamento da política externa aos EUA, país que financiou parte dos regimes civil-militares dos anos de 1960 no continente. O outro modelo são os regimes militares nacionalistas/populistas, defensores de uma agenda favorável à reforma agrária, nacionalização da economia e de desenvolvimento autônomo das instituições financeiras internacionais, buscando romper as relações de dependência econômica diante da ordem internacional capitalista. Os golpes militares ocorridos no Peru e na Bolívia tiveram um caráter nacionalista e diferem dos regimes estabelecidos no Chile, Argentina e Brasil.

Darcy enfatizou nesta carta o seu esforço e até esperanças com o ambiente político no Peru, sinalizando uma possível ida àquele país, o que ocorreu somente em 1972. Suas expectativas diante das possibilidades de mudanças trouxeram um olhar próprio e consistente sobre o Cone Sul: “Há, sem dúvida, algo de novo no grupo militar que assumiu o poder, se comparado com as ditaduras regressivas, do Brasil e da Argentina, com governos político-patriciais ou mesmo com os reformistas.” (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 02 – 5º. Parágrafo).

Neste cenário que retratou a busca de alternativas para o continente latino-americano, Darcy levantou hipóteses e caminhos possíveis para a região, em contraposição aos regimes civil-militares que se consolidaram dentro de uma sequência imediata nos países. Propôs referências de um modelo pautando nas experiências de Gamal Abdel Nasser no Egito e de Cardenas no México, exemplos de intervenções militares à esquerda¹³.

O intelectual inquieto, parecendo exigir respostas imediatas aos fenômenos sociais, é representado num amplo conjunto de leituras e interpretações sobre a dinâmica da política, mas ao mesmo tempo buscando antever o que se levanta como problemas. Exercendo com intensidade seu ofício de cientista social, Darcy convidou o seu companheiro ao debate para juntos pensarem este cenário nebuloso e os passos seguintes dos militares:

Mas quais são as suas expectativas? Irão além ou ao menos até onde ele foi, sem o acicate de uma guerra? Poderão fazer tanto quanto Cárdenas, fora da conjuntura de crise mundial em que ele atuou? ... A meu ver, seu horizonte de realizações estará próximo desses “nacionalismos modernizadores” que não levavam ninguém, até agora, ao desenvolvimento pleno. Mas quais

13 Nasser estabeleceu no Egito uma política de caráter nacionalista, estimulando ao mesmo tempo um movimento pan-arabista. Militar de carreira, governou o Egito de 1954 até setembro de 1970. Lázaro Cárdenas, presidente do México entre os anos de 1934-1940, defendia a modernização da economia, incentivando a criação de sindicatos e garantindo aos trabalhadores os direitos sociais e trabalhistas. Ambos se inserem numa perspectiva de regimes militares que buscavam, de certa forma, a autonomia para o desenvolvimento, distanciando-se do controle político norte-americano.

são as alternativas, se não há viabilidade alguma para uma revolução socialista a partir das esquerdas atuais da América Latina? (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 02 – 6º. Parágrafo).

No apanhado sobre as circunstâncias políticas da América Latina, Darcy chamou a atenção de Furtado apreciando a posição dos dois, no exílio e sem perspectivas imediatas de retorno: “Minha perplexidade diante das potencialidades das autocracias nacional-modernizadoras que nos desgostam, por seu caráter militar e discricionário.” (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 02, 8º. Parágrafo).

Mesmo sem escrever um texto centrado em suas preocupações domésticas, o autor não deixou de registrar sua personalidade quando analisou de forma apropriada o ambiente político do continente. Relatou a Furtado sua experiência em estar concluindo o projeto para a renovação estrutural da Universidade Central da Venezuela – (U.V.C), considerando esta etapa de sua vida “um passo adiante do experimento de Brasília”. Sobre mais um projeto que tentava realizar num país distante, demonstra impaciência com o tempo e o lugar, ressaltando os motivos para um desabafo ao companheiro de desterro:

Preparei-o um pouco contrafeito porque, afinal, bem sabemos o que sucedeu com aqueles esforços: o primeiro, desnaturado; o segundo postergado indefinidamente pela crise. No meu discurso doutoral em Montevideu coloquei bastante ênfase neste sentimento de frustração. Na verdade, neste meu ofício de remendão de Universidades me sinto, às vezes, como competidor numa corrida com os pés atados em que valorizo como fagulhas os saltinhos mais medíocres [...] (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 02, 8º. Parágrafo).

No exílio antes de completar 50 anos, percorrendo um tempo acelerado de vida, vivendo entre os índios por mais de dez anos, ministro da educação, escritor, criador de universidades, ministro chefe da Casa Civil, Darcy Ribeiro desafiou-se em pouco tempo num amplo espectro de ações e *fazimentos* (expressão utilizada por ele mesmo). Provavelmente o dilema da distância de seu país de origem e as interrupções dos projetos que pensara e iniciara propiciaram que fizesse um desabafo¹⁴. A partir do trabalho na Venezuela, na Universidade Central e em sua aproximação com o grupo político no Peru, defendeu a revolução como etapa essencial para a transformação das sociedades através dos investimentos necessários para “[...] formar todos os cientistas e técnicos de todas as modalidades que nos sejam requeridas.” (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência

14 Nove anos depois, ao receber o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Sorbone, discursou, talvez relembrando os tempos de *fazimentos* que se espalharam pelo mundo: “Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei fazer uma Universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.” (Paris, 1979).

Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folhas 02/03, 9º. parágrafo).

As teses sobre a necessidade de uma revolução de caráter nacionalista como etapa essencial para o desenvolvimento (econômico e social), tanto em voga na intelectualidade mais à esquerda na América Latina, foram incorporadas por Darcy. Da mesma forma, referenciou possibilidades de avanços e transformações sociais profundas a partir dos *Tupa* no Uruguai, do Peru com Velasco Alvarado e do socialismo democrático no Chile de Allende. Citou ainda a China e Cuba como exemplos revolucionários que não prescindiram do processo educativo como alavanca ao desenvolvimento:

Mas para isto a sociedade mesma tem que experimentar transformações revolucionárias prévias que tornem aqueles cientistas e tecnólogos efetivamente necessários utilizáveis. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 03, 10º. parágrafo).

Revolução e Desenvolvimento foram expressões utilizadas na cultura política dos anos de 1950-60 para se analisar a situação dos países do Terceiro Mundo – América Latina e África. O emblema Cubano e sua revolução, as teses para o desenvolvimento do continente, referenciadas nos estudos de Raul Prebisch e Celso Furtado, repercutiram no continente de tal forma que os governos da região assimilaram, cada um em suas especificidades, as teses propagadas pela Comissão Econômica para a América Latina – Cepal. No Brasil, a ideologia do nacionalismo desenvolvimentista repercutiu principalmente no Instituto Superior de Estudos Brasileiros – Iseb, onde um conjunto de intelectuais brasileiros apresentava interpretações sobre o desenvolvimento brasileiro na economia, na política e na democracia. A questão da “modernização conservadora”, discutida por B. Moore (1975), também teve repercussão nas ciências sociais no Brasil como elemento teórico nos estudos sobre o desenvolvimento do capitalismo a partir do pacto intransigente, no controle do Estado.¹⁵

Das regiões que visitara e do panorama descrito a Furtado sobre as condições políticas do continente, reservou parte desta carta dando especial atenção ao Chile, país em que estaria um ano depois para assessorar o presidente Salvador Allende. Descreveu o encanto que teve pela cidade de Santiago, “[...] apesar do tom gris da cidade e da vetustez das edificações [...]”. Ressaltou ainda o ambiente cultural da cidade chilena e a cordialidade de seu povo, sublinhando “as facilidades de informação bibliográfica, a quantidade de gente de toda especialidade interessada em toda sorte de coisas [...]”.

¹⁵ Sobre este conjunto de temas, que nos auxiliam nos estudos sobre a formação do pensamento social de parte dos intelectuais brasileiros, de Darcy Ribeiro e Celso Furtado, recomendo para a leitura: SANTOS, Lincoln de Araújo. *Entre a Utopia e o Labirinto: Democracia e Autoritarismo no Pensamento Educacional Brasileiro dos Anos 1980*. (2011). RJ. FAPERJ/Quartet. (Capítulo 1 - Intelectuais e o Pensamento Social e Educacional na República); PAIVA, Vanilda. *Paulo Freire e o Nacionalismo Desenvolvimentista*. (2000). SP. Graal; TOLEDO, Caio Navarro (Org.). *Intelectuais e Política no Brasil: A Experiência do ISEB*. (2005). RJ. Editora Revan; COUTINHO, Carlos Nelson. *A Democracia como Valor Universal*. (1984). RJ. Editora Salamandra. (Capítulo I. 3. O Caso Brasileiro: A Renovação Democrática como Alternativa à *Via Pussiana*); VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva*. (1997). RJ. Editora Revan.

(ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01, 5º. parágrafo).

Ao se despedir de Celso Furtado, com “abraços saudosos”, convidou o companheiro para que este viesse a participar do II Seminário de Desenvolvimento Cultural Autônomo da América Latina;

junto com outras 15 ou 20 personalidades [...] Vindo, poderia dar uma conferência pública sobre algum aspecto deste tema? (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 03 – 11º. Parágrafo).

3ª. CARTA – DE CELSO FURTADO PARA DARCY RIBEIRO – PARIS/FRANÇA, 03/04/1970

Quatro meses após o envio da primeira correspondência a Darcy Ribeiro, Celso Furtado fez a sua réplica citando que já recebera notícias antecipadas da viagem relatada na carta de fevereiro, através de Berta, esposa de Darcy.

Das redes de reciprocidades que aproximaram os companheiros de desterro, Darcy, em parte de seu *zigue-zague* pelo continente e pelo mundo, teve a companhia de sua primeira esposa, Berta Gleiser Ribeiro. A trajetória da antropóloga, que durante anos acompanhou Darcy em suas pesquisas e trabalhos relativos à política e na administração pública, mesmo ao lado de Darcy estabeleceu caminho próprio como intelectual produzindo obra importante sobre a antropologia brasileira¹⁶.

Celso relembrou a Darcy o encontro que tiveram no Chile, em 1964, reforçando suas primeiras impressões sobre o regime imposto ao país de origem de ambos: “[...] minha visão ‘pessimista’ em respeito à evolução a médio prazo no Brasil [...]” (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01, 1º. parágrafo). A partir desta primeira consideração, Furtado chamou a atenção do amigo realizando uma abordagem sobre os fatos e as razões de 1964, destacando a necessidade de autocritica daqueles que viveram e estavam sofrendo com o exílio:

Hoje, olhando as coisas com mais distância, o que me surpreende é que tenhamos tido vinte anos de relativa liberdade, o que permitiu as pessoas como nós de criar e influenciar de alguma forma o curso dos acontecimentos em nosso país. Como conciliar um processo aberto à confrontação ideológica, à invenção intelectual na ação política com o profundo anacronismo das estruturas sociais brasileiras? (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01, 1º. parágrafo).

16 O artigo de Vogas (2014), “Berta Gleiser Ribeiro: Da Militância ao Afeto, o Percurso de Uma Antropóloga”, registrou a vida desta cientista e a importância de sua na produção acadêmica e o legado deixado para a antropologia brasileira. In. Revista Terceiro Milênio – Revista Crítica de Sociologia e Política. Ano 1/No. 02 – Jan/Jun 2014.

Seis anos após o Golpe, premido pela distância do tempo, Furtado ratificou o seu pessimismo diante do problema brasileiro e se perguntou como figuras como ele e Darcy enfrentaram o princípio da “invenção intelectual na ação política” com as estruturas anacrônicas, historicamente sedimentadas na exploração, no controle fundiário da terra etc. A questão levantada por Furtado, central na busca das razões do projeto brasileiro interrompido, do Plano Trienal, das Reformas de Base, da mobilização popular em torno da reforma agrária, identificou também os limites de sua geração de intelectuais que pensaram o Brasil e ao mesmo tempo experimentaram da reflexão à ação e utilizaram o poder como operadores do Estado num amplo projeto, de crença nos princípios da democracia. Tal processo fracassou. Em sua despedida do Brasil, já havia abordado este tema da “falência de nossa geração” com os colegas da Sudene:

De alguma forma, eu parti do pressuposto dessa falência. Tinha dúvida, apenas, sobre a profundidade do dano que faria ao Brasil uma ditadura militar que se prolongasse por um decênio ou mais. (FURTADO, 2014, pg. 404)

Sua avaliação sobre a política brasileira apontou os fundamentos que levaram o país às mãos do poder militar. Para ele, uma “democracia de imitação”, artificialmente criada nos princípios liberais, “paramentada” pelas ideias pouco respeitadas pela elite dirigente.

A “democracia” de imitação com que se paramentou o país transformou-se, em última instância, em obstáculo ao acesso a formar mesmo mitigadas de organização democrática. Daí que a autocracia haja surgido não para introduzir um mínimo de transformações estruturais, como tem sido a regra, e sim para defender o status quo falsamente ameaçado. Em outras palavras, o nosso processo entrou por um caminho errado, com consequências que ainda não podemos apreciar. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01, 1º. parágrafo).

Furtado pensou sobre a falsa democracia construída no país, no caminho tortuoso do descompasso entre as intenções de uma possível democracia de massas, essas sendo incluídas num amplo programa de reformas propostas por Jango, enquanto o pacto de convivência entre as elites estava intacto. A *democracia* caminhava bem, mas quando se geraram possibilidades de ascensão social e de reformas, veio a reação, o Brasil se vestiu de uma democracia de imitação impedindo o acesso, mesmo que tênue, suave, de setores populares da sociedade. Reconheceu ainda os limites da democracia à brasileira, observando 1964 como paradigma de um processo que descortinou algo artificial e impreciso. Opinou que a autocracia que se impôs não veio para realizar mudanças, mesmo que mínimas, mas manter a situação vigente, *falsamente ameaçada*.

Para reforçar as suas teses sobre esta democracia de imitação, Furtado ensejou em sua carta a questão militar brasileira, oferecendo à Darcy uma análise das estruturas da “burocracia militar”. Chamou a atenção sobre a degradação da carreira militar, “desde os anos vinte”, onde o acesso à instrução “se limitava a gente de terceira ordem ou a pessoas originárias de regiões mais atrasadas”, muitas abandonando a carreira, as mais “bem dota-

das”, indo para no mercado, “antes dos quarenta anos”. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01, 2º. parágrafo).

Nesta parte da correspondência, ressaltou os dois atores que se destacaram na idealização e construção do Golpe – primeiro a corporação militar, como o braço armado e com uma missão; segundo a classe média, em quase maioria braço civil de apoio ao Golpe. Os estudos sobre a questão militar na República brasileira e sua influência política na proclamação de uma nova ordem, no ideário positivista autoritário, no movimento tenentista e na participação da Força Expedicionária Brasileira na 2ª. Guerra demonstraram o protagonismo desta instituição na história política do país, bem como elementos motivadores de convergência aos acontecimentos de 1964.

A articulação do empresariado e de amplos setores da classe média, vertentes do catolicismo conservador diante da iminência do comunismo, o discurso moralista contra a corrupção e a campanha permanente nas rádios e jornais pela desmoralização das instituições políticas criaram um vínculo imediato com os militares, chamados em abril de 1964 para o reestabelecimento da *ordem*. Furtado percebeu que a aliança entre empresários e setores da classe média legitimaria um regime de longa duração:

Como é evidente para um número crescente de pessoas de classe média que a opção a essa ditadura é outra ditadura, como a classe média entre nós acumulou muitos privilégios, a tendência é para apoiar os que estão no poder [...] Em síntese, não vejo nenhum caminho curto que permita ao nosso país ganhar tempo na história. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01, 2º. parágrafo).

Na sequência do seu texto, Furtado levantou duas questões centrais que representavam as incertezas do desenvolvimento brasileiro, algo muito caro para o economista brasileiro, sendo um estudioso ao longo de sua vida sobre as estruturas econômicas do continente latino-americano e em especial do Brasil. De sua primeira afirmativa, reconhecendo as complexidades de um país com extensas dimensões territoriais, levantou os problemas:

Somos um país grande que se define um perfil numa época difícil. Nas condições atuais de explosão tecnológica pode um país em formação preservar o senso de identidade? Podemos iludirmos com um milagre voluntarista. Mas não é isso um simples escapismo? (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 01, 2º. parágrafo).

Sua preocupação como intelectual e operador da política, conhecendo por dentro as vocações econômicas para o desenvolvimento brasileiro, bem como os contrastes sociais presentes na formação do seu povo, deu-lhe uma ampla leitura sobre o seu país. A corrida espacial e as transformações das bases produtivas aceleradas e otimizadas por conta da inserção das tecnologias sinalizavam efetivamente o ingresso dos países e das sociedades em uma nova fase do capitalismo. Percebeu então o percurso equivocado, a opção do regime civil-militar, quando do *surto* de crescimento econômico durante os anos de 1968-1973. Para Furtado, um *milagre voluntarista* era pura ilusão, pois os

seus resultados foram uma profunda concentração de renda, reproduzindo no país o alargamento da miséria e da pobreza. “Não é isso um simples escapismo?” A história e o tempo responderam ao economista¹⁷.

Justificou tais reflexões afirmando a Darcy que se sentia mais um intelectual do que um “homem político”, o que lhe deixava mais à vontade para entender o exílio, afetando-o menos “que a maioria de nossos companheiros.” (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 2, 2º. parágrafo).

Na parte final de sua correspondência, registrou com satisfação a sua vida universitária em Paris, expondo que “a carga de trabalho é considerável”, mas reconhecendo que estava em melhores condições para exercer seu ofício de professor e pesquisador. Citou o encontro que teve com Raul Riff, outro companheiro de governo de ambos. Riff acompanhou João Goulart como assessor e depois secretário de imprensa da Presidência da República, pessoa do núcleo de confiança do governo. Por intermédio de Riff, Furtado obteve notícias de Jango, confirmando as primeiras impressões de Darcy sobre o ambiente de Montevideú (demonstradas na segunda carta deste artigo). Obteve notícias também de Waldir Pires e de sua tentativa de readaptação no retorno ao Brasil.

Registrou ainda que esteve nos Estados Unidos encontrando-se com amigos em comum, dentre eles, “o Fernando Henrique Cardoso, Florestan e o Ianni, que foram para a mesma reunião da qual participei.” (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 02, 5º. Parágrafo). Contou a Darcy que Fernando Henrique e Iani estavam otimistas com a possibilidade de sobrevivência no país, pois haviam criado uma instituição que viria a ser o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – Cebrap, fundado em São Paulo, em 1969, por intelectuais e professores, em sua maioria, oriundos da Universidade de São Paulo – USP, estes afastados da Universidade pelo regime civil-militar, parte deles através do Ato Institucional No. 05/1968.¹⁸

Dos comentários que realizou sobre o encontro nos Estados Unidos, deteve-se no detalhe que chamou a atenção quando observou o colega Florestan Fernandes, “[...] indeciso sobre o que fazer. Em realidade é o único que parece algo traumatizado [...]”. (ARQUIVO DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspon-

17 O economista brasileiro expôs de forma objetiva o *milagre econômico* e identificou a farsa deste processo: “Ora, o que acontecera no Brasil fora simplesmente uma intensificação do processo de concentração de renda, um maior arrocho salarial permitido pelo desmantelamento das resistências sindicais. Com efeito, o salário mínimo real diminuía em cerca de 60%. A novidade estava em que os recursos advindos de maior concentração de renda eram canalizados para financiar a expansão do consumo de bens duráveis, e não principalmente, como ocorrera no período anterior, para financiar investimentos em capital fixo, em particular em infraestrutura.” (FURTADO, 2014, p. 507).

18 “No campo da intelectualidade brasileira, 1968 simbolizou o terror da perseguição ao livre pensamento, e o fim da liberdade de expressão. Dois meses após a publicação do AI-5, o Decreto Lei No. 477/1969, específico para a área educacional, com ênfase para o ensino universitário, estabelecia processo sumário contra servidores, alunos e professores acusados de envolvimento com a subversão. Com estes instrumentos legais, em julho de 1969, Costa e Silva, presidente da República, aplicou sanções previstas no Decreto, atingindo intelectuais do eixo Rio-São Paulo, dentre eles: Florestan Fernandes, Bolívar Lamounier, Miriam Limoeiro Cardoso, Moema Toscano, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Paul Singer, Maria Yedda Linhares, Caio Prado Junior...”. In. SANTOS, Lincoln de Araújo. (2011). Pg. 186.

dentes Celso Furtado – FUNDAR DF/1970, folha 02, 5º. Parágrafo). Florestan aceitou convite da Universidade de Toronto, no Canadá, partindo para aquele país sem a família, em 1969. Silveira (2006) analisou as correspondências enviadas do Canadá por Florestan à esposa Miriam Rodrigues Fernandes, entre os anos de 1969-1971. Nestas cartas, vê-se um homem triste pela distância, deprimido por conviver num lugar diferente, com outras línguas. Os descaminhos do desterro atingiram aqueles que se utilizavam da reflexão para o exercício político em seu país. Florestan retornou ao Brasil em 1977, ministrando aulas primeiramente na PUC de São Paulo.

Ao despedir-se de Darcy, com um “cordial abraço”, agradeceu o convite para estar em Caracas, mas declinou porque estava com outros planos para o verão. Avisou ainda que provavelmente estaria em Santiago, em setembro, para a Conferência do Pacífico, organizada por Claudio Veliz. Enfatizou ao final o seu desejo de passar pelo Rio de Janeiro. Desde a sua chegada à França, onde permaneceu até os anos 1980, mesmo depois da Anistia de 1979, Furtado viajou o mundo, mas preferencialmente esteve na América Latina. Em 1968, teve passagem pelo Brasil para prestar depoimento, a convite do Congresso Nacional, sobre a situação econômica do país. Em 1970 esteve no Peru para participar do projeto de integração econômica da zona andina. Este projeto alcançaria as áreas geopolíticas do Chile à Venezuela e ao encontro caberia discutir um regimento comum no tratamento ao capital estrangeiro (FURTADO, 2014, p. 497).

Seu depoimento sobre o arbítrio imposto aos intelectuais *subversivos* simbolizou a irracionalidade daqueles que controlavam o poder pela força coercitiva, a ordem jurídica, legalizando a ditadura brasileira:

Deixo este testemunho para que não possa haver dúvidas de que no Brasil se perseguiram pessoas não apenas porque estavam envolvidas em “guerrilhas”. Mas também porque exerciam o direito de pensar com independência, mais ainda se essa atividade se relacionava com o estudo da realidade econômica e social. (FURTADO, 2014, p. 497).

... E ASSIM CHEGAR E PARTIR SÃO SÓ DOIS LADOS DA MESMA VIAGEM...

Os dois companheiros de desterro sobreviveram em vários lugares e tiveram suas existências marcadas por intervenções nas arenas pelo mundo. Tais arenas superpostas foram territórios que marcaram a trajetória de Darcy e Celso. Primeiro, a América Latina foi percorrida por ambos na produção acadêmica, num exercício intelectual vigoroso que problematizava o Brasil articulado com o continente em suas raízes e diversidades. A América Latina foi não só objeto de estudos em suas obras, mas o lugar da construção das redes de reciprocidade e de aproximação de pessoas e culturas, na possível utopia de liberdade das Américas. A outra arena foi a Universidade como espaço de criação, de reflexão e de idealização das reformas institucionais, partindo da ideia e efetivação da UnB, onde ambos trabalharam. A Universidade, nas Américas e Europa, foi o lugar que os acolheu nos momentos de fuga do país de origem, no contato com os alunos na ministração das aulas e no compromisso de reformá-las, a partir do que fizeram e experimentaram no Brasil.

Caminhos singulares foram cruzados, e estas cartas representaram como personalidades tão distintas acreditavam nos mesmos ideais da reforma agrária, da educação pública universalizada como alavanca para o desenvolvimento, na distribuição de renda e garantia de trabalho para todos – elementos que consolidaram o lugar da política como o centro que lhes impulsionava, como missão de suas existências. O projeto interrompido de 1964 no Brasil, para Darcy e Celso, foi deslocado para outros lugares e arenas, com muitos outros companheiros de exílio.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

ARQUIVO CELSO FURTADO. O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento. RJ, Contraponto Editora/Centro Internacional Celso Furtado. 2011;

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - 11ª. Assembleia Geral -Documento que denuncia os abusos do regime civil-militar sobre os direitos humanos. 1970;

RIBEIRO, Darcy. Discurso de Outorga do Título de Doutor Honoris Causa – Universidade Sorbone – Paris 1979;

Cartas

MEMORIAL DARCY RIBEIRO - série Correspondência Geral/subsérie correspondentes Celso Furtado – FUNDAR – Brasília - DF/1970; (Paris, 17 de dezembro de 1969; Caracas, 28 de fevereiro de 1970; Paris/França, 03/04/1970);

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AARÃO REIS, Daniel. (2014). *Ditadura e Democracia no Brasil*. RJ. Zahar Editora;

COGGIOLA, Osvaldo. (2001). *Governos Militares na América Latina*. São Paulo. Contexto Editora;

COUTINHO, Carlos Nelson. (1984). *A Democracia como Valor Universal*. Rio de Janeiro. Editora Salamandra;

D'AGUIAR FURTADO, Rosa Freire. (2011). *A História de Um Plano*. In. Arquivos Celso Furtado 4: O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento. Rio de Janeiro. Editora Contraponto. P. 7-31;

DARCY RIBEIRO. (1997). *Confissões*. São Paulo. Companhia das Letras;

_____. (1994). Carta: Falas, Reflexões, Memórias. Brasília/DF. Senado Federal. No. 01;

DE CERTAU, Michel. (1975). *A Escrita da História*. Rio de Janeiro. Forense Universitária;

FERNANDES, Ananda Simões, PADDRÓS, Enrique Serra. (2012). *A gestação do golpe no Uruguai: o governo Bordaberry e o papel dos militares (1972-1973)*. In. Revista Estudos Ibero-Americanos, PUC/Rio Grande do Sul, v. 38, n. 1, p. 27-44;

As cartas do desterro: conversas entre Darcy Ribeiro e Celso Furtado sobre a América Latina, Universidade e o projeto brasileiro interrompido (1969-1970)

FERREIRA, Jorge. (2001). *O Populismo e Sua História – Debate e Crítica*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira;

FURTADO, Celso. (1974). *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 12ª. Edição;

_____. (1969). *Um Projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Saga. 5ª. Edição;

_____. (2014). *Obra Autobiográfica*. São Paulo. Companhia das Letras;

_____. (2011). *O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento*. Rio de Janeiro. Contraponto Editora, Volume 4;

MOORE JR., B. (1975). *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo. Martins Fontes;

RIDENTI, Marcelo. Cultura e Política Brasileira: Enterrar os Anos 60? (2003). In. BASTOS, Eli-de Rugai, RIDENTI, Marcelo, ROLLAND, Denis. (Orgs.). *Intelectuais: Sociedade e Política*. São Paulo. Cortez e Editora, p. 197-223;

PAIVA, Vanilda. (2000). *Paulo Freire e o Nacionalismo Desenvolvimentista*. SP. Edições Graal;

SANTOS, Lincoln de Araújo. (2011). *Entre a Utopia e o Labirinto: Democracia e Autoritarismo no Pensamento Educacional Brasileiro dos Anos 1980*. Rio de Janeiro. FAPERJ/Quartet;

SILVEIRA, Heloisa Fernandes. (2006). “Chaves do Exílio e Portas de Esperança”. In. *Pulsional – Revista de Psicanálise. Clínica Social*. Ano XIX, no. 185, março;

TOLEDO, Caio Navarro de (Organizador). (2005). *Intelectuais e Política no Brasil: A Experiência do ISEB*. Rio de Janeiro. Editora Revan;

VIANNA, Luiz Werneck. (1997). *A Revolução Passiva*. Rio de Janeiro. Editora Revan;

VOGAS, Ellen Cristine Monteiro. (2014). “Berta Gleiser Ribeiro: Da Militância ao Afeto, o Percorso de Uma Antropóloga”. In. *Revista Terceiro Milênio – Revista Crítica de Sociologia e Política*. Rio de Janeiro/UENF. Ano 1/No. 02, p. 122-136;

Documentários

JANGO. Direção de Silvio Tendler. Produção Caliban. 1984;

Memórias: Waldir Pires. Produção Câmara Federal – 2014;

O Longo Amanhecer. Direção José Mariani. Produção Andaluz. 2013;

Lincoln de Araújo Santos

Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor adjunto do Departamento de Gestão dos Sistemas Educacionais - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / Uerj